

Reportagem Especial

ADOLESCENTES EM RISCO

Jovens ficam grávidas em festas e desconhecem o pai

São meninas de 14 e 15 anos, que engravidam em bailes funk e depois não sabem quem é o pai da criança. Juizado investiga seis casos

Aline Nunes
Eliane Proscholdt

Em meio à batida do funk, regada a danças sensuais, uma situação tem causado preocupação ao Juizado da Infância e Juventude de Vila Velha: adolescentes ficam grávidas em festas e não sabem quem é o pai.

Somente neste ano, seis denúncias foram feitas por pais e por responsáveis. As menores têm, geralmente, entre 14 e 15 anos.

Mas a juíza Patrícia Pereira Neves, da Vara da Infância e Juventude de Vila Velha, disse que além

“Estou entrando com procedimento para apuração de infrações às normas de proteção à criança e ao adolescente”

Clóvis Figueira, promotor de Justiça

desses casos, há outros que são relatados pelas menores, quando chegam grávidas ao Juizado após cometerem algum ato infracional.

O promotor de Justiça da Infância e Juventude de Vila Velha, Clóvis Figueira, também falou de casos. Um deles é de uma menina que ficou grávida aos 13 anos.

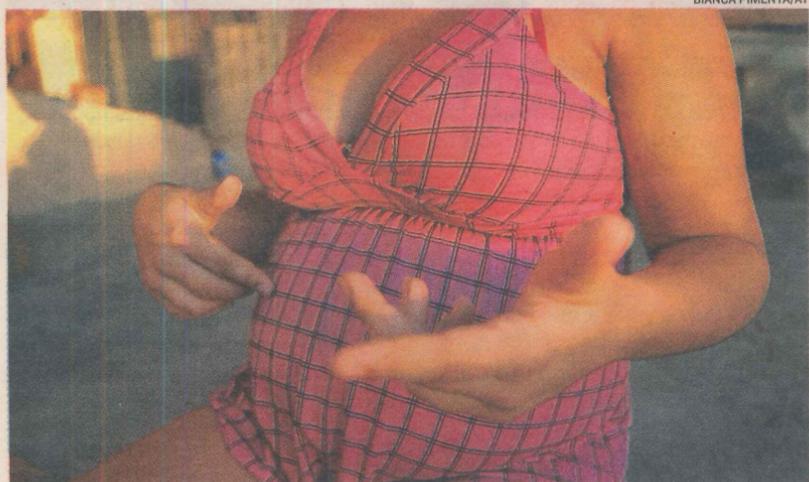
“As medidas de cunho social, visando a proteção dessa adolescente estão sendo conduzidas pelo Juizado, mas o estabelecimento onde isso aconteceu tem que ser responsabilizado. Estou entrando com um procedimento para apuração de infrações administrativas às normas de proteção à criança e ao adolescente”, disse o promotor.

A punição é de multa de até 20 salários mínimos (R\$ 9.300) e fechamento do estabelecimento.

Já a juíza explicou que essas práticas têm ocorrido em festas clandestinas, onde também rolam bebidas, drogas e prostituição.

Patrícia Neves observou que essas festas estão cada vez mais comuns em bairros residenciais, inclusive no meio da rua, deixando os moradores apavorados.

Diante disso, ela quer intensificar as fiscalizações sobre alvarás e práticas de crimes, com a parceria de todos os poderes. Ela irá enviar relatório à Prefeitura de Vila Velha, Delegacia Fazendária (sobre sonegação fiscal), à chefia da Polícia Civil, entre outros.



JOVEM GRÁVIDA relata o que acontece em bailes funk: “Lá rola de tudo”

Sexo, droga e orgias no palco

“Saí do baile funk e horas depois engravidei. Estou com seis meses e espero um menino”. O relato é de uma jovem de 18 anos, que desde os 15 anos frequenta bailes funk.

“Lá rola de tudo que se pode imaginar: sexo, drogas, bebida, prostituição e até orgia em cima do palco. As meninas vão de micro-saias e shortinho, sem calcinha”.

Ela mora em um bairro de Vila Velha, mas quando engravidou tinha ido a um baile funk em Cariacica. “Achei que a festa iria até o dia amanhecer, mas às 2 horas o

baile acabou. Fiquei na rua, encontrei uma amiga, que me apresentou o pai do meu filho”.

Passando a mão na barriga, ela admitiu: “Recebi muitos conselhos dos meus tios, com quem moro, mas não ouvi. Fugi de casa para ir ao baile funk. Se pudesse, queria voltar à minha infância e fazer tudo diferente. Não teria parado de estudar e de estagiar”.

Sobre o futuro, a jovem disse: “Vou ter que trabalhar para sustentar meu filho quando ele nascer, pois meu namoro não durou”.



JUÍZA Patrícia Neves: casos de meninas grávidas em festas clandestinas

ENTREVISTA JUÍZA PATRÍCIA NEVES

“Estão desafiando o poder público. Temos denúncias”

A TRIBUNA - A senhora quer intensificar as fiscalizações em Vila Velha. Por quê?

PATRÍCIA NEVES - Estou percebendo um crescimento, que não tinha sido notado antes, de particulares resolvendo fazer festas em locais impróprios e sem alvará.

> **Que tipo de problemas?**

Essas festas, que duram de seis a 11 horas, estão sendo realizadas em bairros residenciais, os locais não contam com tratamento acústico e causam problemas para a vizinhança. Eles também não colocam segurança suficiente para a área externa e fecham vias públicas. Uma mostra disso aconteceu em Cobilândia ontem (domingo).

> **O que aconteceu lá?**

Eles fecharam uma rua, devido à grande quantidade de pessoas (cerca de 3 mil do lado de fora e outras 1.200 dentro de um terreno baldio). Colocaram no fôlder que era permitido entrada de menores, o que não é verdade. Tivemos pancadaria do lado de fora. Nossos comissários foram para o local e eu também fui. O que o particular

tem que entender é que para ganhar dinheiro ele não pode promover esse tipo de evento, sem ter a mínima consideração pelas normas legais. Mas eles estão desafiando o poder público. Essa fiscalização em Cobilândia não foi especial. Sempre fazemos fiscalizações por causa desses problemas.

> **Que outros problemas?**

Temos denúncias de menores que engravidaram nesses eventos e não sabem quem são os pais. Quando isso é comprovado, a família tem direito a indenização contra o promotor do evento. Ele não criou regras e não ofereceu fiscalização para proibir relações sexuais dentro do evento. Ele é o responsável civil, penal e administrativo. Ele também pode ser responsabilizado por vender bebidas alcoólicas e drogas a menores.

> **Como elas sabem que ficaram grávidas no baile funk?**

Elas e os pais não vêm aqui para pedir indenização. Elas relatam que ficaram com um monte de meninos e participaram de rodas de sexo.

Grávida de namorado que está preso por tráfico de droga

Ao lado da filha de 15 anos, que está grávida de nove meses, uma mãe faz um desabafo:

“Trabalho durante o dia, como camareira, e até 23h30 em oficinas de festas. Antes de sair de casa para o trabalho pedia à minha filha para não ir a bailes funk, mas ela não me ouvia. Quando chegava, à meia-noite, ia atrás dela”.

Diante disso, a mãe, que tem 35 anos, foi ao Juizado da Infância e Juventude de Vila Velha e denunciou a filha. “Temia que ela ficasse grávida em baile funk e que não soubesse quem era o pai da criança”, contou a camareira.

Com 14 anos, sua filha engravidou. “Mas ela ficou grávida fora de baile funk, pois o pai da criança não gosta de frequentar esses locais. Só que ele tem 15 anos e agora está preso por envolvimento com tráfico”, contou a mãe.

Segurando as roupinhas do bebê, a adolescente contou que tinha outro namorado, com quem se encontrava em bailes funk.

“Um dia fiquei com o pai da minha filha no baile. O meu namorado viu e ficou com outra garota para me fazer ciúme. No outro dia terminei o namoro. De lá para cá, estou com o pai da minha filha”.

Agora a adolescente, ao lado da mãe, diz que não pretende mais frequentar baile funk.



MENINA grávida de nove meses

NÃO SABE QUEM É O PAI

Rodas de sexo

A mesma preocupação com a filha adolescente tinha uma manicure, de 38 anos, que mora em um bairro de Vila Velha.

“Várias vezes fui atrás da minha filha em bailes funk, pois temia que ela ficasse grávida”, contou a manicure.

“Fiz de tudo. Dei conselhos, deixei de castigo, batia e a proibia de sair. Ela me prometia que ia mudar, mas depois fugia de casa para ir a baile funk”, acrescentou a mãe da adolescente.

Com 14 anos, sua filha ficou grávida. “O pior é que ela contou que participava de rodas de sexo e não sabe quem é o pai”, disse.

BIANCA PIMENTA - 16/07/2009

ADOLESCENTES EM RISCO

Juizado acaba com festa

KADIDJA FERNADES - 06/07/2008



JANETE PANTALEÃO: ameaças

Meninas esperam filhos de criminosos na Serra

Um outro cenário, mas problemas semelhantes. Em alguns bairros da Serra onde o tráfico é dominante, meninas estão engravidando de criminosos. Há casos que passaram a ser acompanhados pela Justiça.

A juíza Janete Pantaleão, da 2ª Vara da Infância e Juventude do município, contou que garotas de 12, 13 anos estão aparecendo grávidas, depois de serem “escolhidas” por traficantes para que sejam suas companheiras.

“Eles veem uma menina, assediavam, dizem que a querem e levam para morar com eles. Para garantir a permanência da garota, intimidam com ameaças os familiares”, revelou a juíza.

Na tarde de ontem mesmo, ela atendeu um caso. A garota estava sumida de casa há dois meses e foi parar em um abrigo.

Mas Janete acredita que existe muito mais ocorrências de adolescentes grávidas, em circunstâncias indesejadas, do que as que chegam a seu conhecimento.

Para a juíza, alguns pais não têm coragem de denunciar, devido à influência negativa e perigosa que os criminosos exercem no bairro, ou ainda avaliam que é melhor ter uma filha com um traficante a sofrer qualquer represália.

Janete supõe, inclusive, que haja situações de adolescentes que engravidaram em bailes funk e outras festas, mas que não são relatadas no Juizado.

“Felizmente não tenho casos declarados. Entretanto, não acho que seja difícil acontecer a exemplo dessas meninas que estão entrando na adolescência, com 12, 13 anos, e já grávidas de algum marginal, de traficantes do bairro”, avaliou Janete.

A juíza destacou que tão logo o Juizado é informado da realização de festas em que possa haver a presença de menores, sem autorização, uma equipe de comissários é encaminhada até o local.

Quando o comunicado é com antecedência, o Juizado faz um levantamento para identificar os organizadores e tomar as providências necessárias.

Mas Janete reconhece que, às vezes, quando a denúncia chega, o evento já aconteceu. E, normalmente, tratam-se de festas particulares, de acesso mais restrito.

Uma festa, apontada como clandestina pela Justiça, foi suspensa na noite de domingo, após ação de comissários de menores com o apoio da Polícia Militar. A operação foi numa residência que estaria servindo para a realização de bailes funk, em Bela Vista, na região de Santo Antônio, em Vitória.

O juiz da Vara da Infância e Juventude, Paulo Luppi, expediu um ofício autorizando seus agentes a inspecionar o local, depois que recebeu denúncia de moradores sobre a utilização do terraço da casa para festas clandestinas, inclusive com a presença de menores.

Luppi disse que já havia sido feita uma fiscalização na residência, há cerca de dois meses, e os organizadores suspenderam por um período a realização de eventos. No entanto, o juiz afirmou que voltou a receber denúncias e, por isso, determinou a fiscalização.

Questionado sobre irregularidades encontradas durante a operação do comissariado, Luppi contou que o relatório está sendo elaborado pelos agentes e deverá ser entregue hoje.

De toda maneira, o magistrado já soube que alguns frequentadores da festa se exaltaram e os policiais quiseram prendê-los por desacato, porém os comissários avaliaram que não seria necessário.

Entre os moradores que são contrários ao baile, a preocupação não está relacionada à música. “O problema é o que rola lá dentro. Sabemos que há drogas, de tudo um pouco naquele terraço. Vem gente de outros bairros, de áreas



O JUIZ PAULO LUPPI enviou comissários a festa clandestina no bairro Bela Vista no último domingo

perigosas para cá, o que nos assustava”, comentou uma moradora.

Já o vigilante Pedro Paulo Rodrigues, vizinho à festa, negou que houvesse alguma situação inadequada. Ele contou que, na verdade, era uma comemoração após o jogo do Campeonato Brasileiro.

“Quando os agentes chegaram,

ninguém sabia o que estava acontecendo. Só disseram que era uma denúncia e foram entrando na casa. Houve um constrangimento para a dona da casa e as pessoas que estavam lá para comemorar um jogo”, afirmou Pedro Paulo.

Diante da abordagem, alguns

moradores registraram queixa na polícia. Paulo Luppi falou que quer tomar conhecimento sobre o que foi denunciado, mas ressalta que, antes da fiscalização de domingo, já havia sido feita uma convocação para a dona da residência prestar esclarecimentos sobre as festas e ela não atendeu.

Rigor para proteger menor

Os juízes da Vara da Infância e Juventude ressaltam que o rigor nas fiscalizações é necessário para proteger os menores e tentar minimizar as ocorrências de uso de bebidas, drogas e de gravidez indesejada entre os adolescentes.

Paulo Luppi, que atua em Vitória, falou que desde 2004, quando baixou uma nova portaria para regularizar as festas no município, aumentou a vigilância em relação aos eventos produzidos.

“Realizamos blitzes todos os finais de semana. Se é uma casa nova e que ainda não está regularizada, faço um ofício ao proprietário

para que compareça ao Juizado e possa se regularizar em 30 dias. Se não aparece, sou obrigado a fazer a abordagem para investigar. Não vou deixar correr frouxo”, frisou.

Em Vila Velha, a juíza Patrícia Neves também não deixa por menos. No último domingo, foi até uma festa em Cobilândia, que já havia registrado problemas com menores em outra edição.

“Quando cheguei, ainda do lado de fora, vários adolescentes (com abadá da festa) correram ao meu ver. Além da presença de menores, soube que no local também havia drogas e armas”, contou.

DEPOIMENTO

“Não dá para ter controle de tudo”

“Eu costumava fazer festas, mas até desanimei. São muitas exigências para a gente cumprir e não ter o Juizado no nosso pé.

Acontece que eram festas para a comunidade, que muitas vezes não tem opção de lazer.

Mas se algum menor passasse despercebido da nossa fiscalização e um comissário aparecesse, era problema na certa. Não dá para

ter controle de tudo, mas nossos eventos não tinham nada de errado. Era só música e a cervejinha que não podia faltar.

Agora, se o adolescente sai à noite para uma festa, a família tem de saber. Se não sabe, ela tem de ser mais responsabilizada do que eu.”

Organizador de festas em Vitória, identificado como Jeferson



JOVENS se divertem em festa: juizados de olho em irregularidades

Desculpa na hora do flagra

Para evitar autuação e maiores problemas com a Justiça, os organizadores de festas clandestinas inventam as mais diversas histórias para os comissários.

Na Serra, a juíza Janete Pantaleão contou que é comum desculpas como “não sabia que era menor” ou “ela estava acompanhada de um responsável” ou ainda “a adolescente está com o marido”.

“Mas nada disso serve para o Juizado. O organizador ou o dono da casa onde está sendo feita a festa tem de cobrar documentos na hora da entrada no local”, ressaltou a titular da 2ª Vara da Infância e Juventude do município.

Questionada se já houve casos

de tentativa de suborno, Janete afirmou que nunca foi informada sobre qualquer episódio.

“Os comissários não dão margem para as conversas paralelas e sempre estão na presença de várias pessoas, o que dificultaria alguma iniciativa nesse sentido.”

O juiz da Infância e Juventude de Vitória, Paulo Luppi, também não tem conhecimento de tentativas de suborno.

Já em Vila Velha, a juíza Patrícia Neves recebeu relatórios de comissários que foram vítimas de tentativa de suborno. “Eles andam com filmadoras e começam a gravar diante desses episódios, o que intimida os organizadores da festa.”